

As numerosas e bem escolhidas fotografias e ilustrações aumentam o valor do Livro do Centenário. Os artigos referentes ao desenvolvimento econômico da região são acompanhados por grande número de dados estatísticos.

Apesar de algumas lacunas, o livro *Centenário de Blumenau* é, sem dúvida, uma contribuição de valor, não só para a história de um pedaço de nossa Terra, mas também para a compreensão da colonização alemã no sul do país.

MARIA TERESA SCHORER

D'AMARAL (Max Tavares) — *Contribuição à história da colonização alemã no vale do Itajaí*. 76 págs. com 2 mapas. Instituto Hans Staden. São Paulo, 1950.

"Numa terra de colonização, como Santa Catarina, recordar o esforço e os cometimentos do colono, e zelar que as suas virtudes e exemplos se mantenham vivos, continuando assim a colaborar no nosso desenvolvimento, constituem atos de gratidão, e, mais que isso, de patriotismo". Estas palavras de um dos mais eminentes homens públicos catarinenses — Viktor Konder — inscritas pelo sr. Max Tavares D'Amaral à guisa de mote de sua "*Contribuição à história da colonização alemã no vale do Itajaí*", dizem bem do espírito que o animou na realização desse trabalho há pouco editado pelo Instituto Hans Staden, de São Paulo. O tema é dos mais empolgantes dentre os muitos que pode oferecer a história sócio-econômica de nosso país, e muitos já o têm aproveitado para escritos da mais variada natureza, faltando ainda, contudo, o historiador que o tratasse de maneira definitiva. Desde os relatórios do dr. Blumenau, que datam já de um século, até o recente trabalho do sr. Tavares D'Amaral, uma vasta bibliografia brasileira e estrangeira poderia ser arrolada, sem grande dificuldade, toda ela dedicada à colonização alemã no sul do Brasil, suas origens, seu desenvolvimento, seus problemas, tanto os de ordem econômico como social.

O estudo do sr. Max Tavares D'Amaral longe de ser uma "narrativa superficial de fatos ordenados cronologicamente" (como modestamente diz o A.) oferece subsídios interessantes para o conhecimento do assunto, e dele ressalta de maneira bem nítida o relevantíssimo papel desempenhado pelo dr. Blumenau na obra a que se dedicou de corpo e alma, tornando-a uma realidade incontestável, pela sua extraordinária capacidade de trabalho e de organização, bem como pela sua larga compreensão dos problemas humanos e sociais de uma empresa de tal envergadura. "Colonização e emigração, eis o binômio que se tornou princípio e fim na vida do grande colonizador, preocupado em permitir aos seus patrícios, que formavam a grande massa dos trabalhadores do campo, na Alemanha, a possibilidade de melhor fortuna num país onde era certa a liberdade e grandemente provável a conquista de um bem estar econômico que nunca atingiram na velha pátria" (p. 10).

Obtida a concessão das terras em 1848, demorou-se Blumenau na Alemanha até 1850, procurando aliciar companheiros para a empresa, dedicando-se, para isso, a uma intensa propaganda em prol do Brasil e das vantagens que o país poderia oferecer para a colonização. Pouco conseguiu, contudo. Outros países (como os Estados Unidos) interessados na imigração, faziam forte concorrência ao Brasil, chegando mesmo a contribuir para uma propaganda contrária aos nossos interesses. Aliás, não poderia, na Alemanha dessa época, ser a opinião pública muito favorável ao Brasil, vítima, então, de grande descrédito que lhe foi causado por uma vasta lretatura rapidamente divulgada naquele país, da lavra de oficiais mercenários que aqui estiveram ao tempo do primeiro império, com o objetivo exclusivo de denegrir o país onde, por esta

cu aquela razão, não encontraram campo muito favorável ao seu espírito de aventura.

A muito custo, conseguiu o dr. Blumenau 17 pessoas dispostas a arriscar a sorte vindo para um estabelecimento onde tudo estava por fazer; não trouxe apenas colonos no sentido restrito do termo, mas também homens cujos ofícios se faziam imprescindíveis num lugar onde não havia mão de obra de espécie alguma.

"Nunca pensou o seu fundador em fazer da colônia uma empresa economicamente lucrativa para si. Seus objetivos foram: o de abrir as terras incultas da América do Sul à civilização que florescia na Europa; o de permitir aos seus patricios, sujeitos a uma legislação antiquada, em que as propriedades latifundiárias dos chamados "Rittergutsbesitzer", passavam indivisas ao primogênito, de cuja boa vontade ficavam na dependência os demais para a sua subsistência, a aquisição de uma gleba própria; e finalmente, o de fazer de cada imigrante um cidadão livre, fugindo assim ao absolutismo reinante na velha pátria" (p. 15).

Depois de estudar as origens da colônia, dedica o A. alguns capítulos ao seu desenvolvimento, até a encampação e transformação em município, dedicando os últimos capítulos ao estudo de outras colônias alemãs estabelecidas no vale do Itajaí — Brusque, Luiz Alves, Hamônia. Finalmente, dedica algumas páginas às razões do sucesso da colonização do vale Itajaí (razões de ordem geográfica, econômica e política), aqui apenas afluando um dos mais palpitantes assuntos de nossa história social, qual seja o da assimilação do elemento colonizador, ou, por outras palavras, a "política" de imigração e colonização com que teve de lutar a colônia. "Colonizar não é apenas agrupar material humano em determinados pontos ou regiões do país e depois deixá-lo entregue à própria sorte, principalmente em se tratando de colonização estrangeira, como se o fez entre nós, sem escolas, sem hospitais, sem amparo de espécie alguma, isolado na mata virgem, sem um contacto com a nossa cultura e a nossa civilização. Para conquistá-lo, para integrá-lo no meio nacional, é preciso que o poder público auxilie o imigrante, assista-o em todos os sentidos, sobretudo no campo cultural, desde a sua chegada até a sua perfeita aculturação que precisa ser ajudada, preparada, facilitada por meios adequados, não esquecendo nunca que a assimilação é um problema sociológico que só pode ser resolvido, se armarmos de maneira certa as equações que o solucionarão" (p. 69).

ODILON NOGUEIRA DE MATOS